

Agostinho Neto construtor de Angola para os angolanos

A notícia da morte daquele que ficará na história de Angola e da África, o grande dirigente do MPLA — Partido do Trabalho — poeta de renome internacional, camarada Agostinho Neto, obreiro da construção de Angola para os angolanos, constitui não só uma perda para o povo de Angola, mas também para o povo da nossa terra.

O pensamento e a acção do Presidente Neto, souberam e bem dirigir o MPLA — Partido do Trabalho — conduzir o povo angolano à independência.

Com o desaparecimento físico deste grande poeta revolucionário de África, toda a África progressista, vê-se mergulhada na mais profunda dor. Dor essa que temos de transformar num engajamento consequente, nesta magnitude de tarefa de Reconstrução Nacional.

Não devemos só chorar os nossos dirigentes: de facto, devemos pegar teso, trabalhar com mais afinco para que os seus sonhos sejam transformados em realidade.

Camaradas, a morte dos nossos queridos dirigentes, como Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, Marien N'Gouaby, Agostinho Neto e tantos outros, são mortes de vitória, de valentia, de dedicação à causa dos povos de África. Povos por eles tanto admirados. Portanto, quando é possível homens como eles, morrerem pela causa de África e de toda a humanidade, também é possível que a África doravante, continue as grandes obras por eles iniciadas, que é a da unidade dos povos, para o bem estar de todos. Agora temos que, de mãos dadas, juntamente com o povo de Angola, cerrar as nossas fileiras para que possamos estar vigilantes contra qualquer vã tentativa do inimigo de nós separar. Só assim é que poderemos honrar a memória dos nossos dirigentes que, como Agostinho Neto, tudo dera, inclusive a própria vida, para que as nossas terras possam cada vez mais, ocupar o lugar que merecem no concerto das nações.

N'DJIPOLÓ CA

Safim tem o seu mercado

— custou 1.500 contos

Um comício e manifestações culturais e desportivas assinalaram, em Safim, a inauguração do mercado local. No acto inaugural, em que participaram dirigentes do Partido e do Estado e responsáveis locais, nomeadamente os camaradas Otto Schacht, secretário do CNG, Tiago Aleluia Lopes, presidente do Comité do Partido do Sector Autónomo de Bissau, e Orlando Nhaga, presidente do Comité da Região de Biombo, foi salientada, pelos oradores, a importância do mercado não só, para a população de Safim como também dos arredores.

O novo mercado, cuja capacidade ultrapassa as necessidades da população local, dispõe de mais uma dezena de mesas em cimento, e orçam em cerca de um milhão e meio de pesos. A planta foi concebida pelas Obras Públicas, mas, as obras foram realizadas por operários locais, com o financiamento de Comité regional.

Embora não disponha de câmaras frigoríficas, há balcões para a venda de peixe e da carne. Segundo o camarada presidente da Região, as câmaras de frio não são necessidade de momento, pois que, víveres ali

vendidos são de produção local e a procura por parte da população consegue abarcá-los, não havendo por ora riscos de sobra e deterioração. Entretanto, conforme explicações de um dos guarda-fiscais das Alfândegas destacado no local, já houve contactos com as empresas de pesca e com os criadores de gado, no sentido de abastecerem o mercado, pelo menos duas vezes por semana.

Para este camarada, Artur José Mamadú Djaló, o fundamental, de momento, é mobilizar a população a vender os produtos no mercado e exercer grande vigilância no sentido de evitar fugas e desvios dos produtos, pois muitos preferem vender fora do mercado para não pagarem o imposto, embora este continue a ser o mesmo que era praticado na venda ao ar livre (debaixo de mangueiros). Essas medidas, prossegue ele, além de evitarem a especulação, contribuirão para compensar o Estado das despesas na construção do mercado.

Ouvimos igualmente duas pessoas de Safim que se manifestaram satisfeitos com o novo mercado. Esse é o estado de espírito da generalidade da população, provado

quer através de manifestações públicas, quer pelas palavras de ordem que ostentavam os cartazes colocados à entrada da vila. «Estou muito satisfeita com o novo mercado, porque agora temos onde vender os nossos produtos», disse-nos Fatumata Candé, que explica que dantes vendiam os produtos debaixo dos mangueiros sem condições de higiene e sujeitando-se a outros condicionamentos. Por exemplo, explica que, nesta época das chuvas, as

pessoas não podem vender ao ar livre. João da Silva, lavrador, disse-nos:

«Os tucas nunca pensaram em construir um mercado para a população de Safim, apesar de ficar aqui perto da cidade. Mas hoje, o Partido mandou construir este bom mercado e temos onde vender os produtos». Segundo ele, os fiscais têm que lutar contra a especulação nos preços e a população também deve colaborar, denunciando qualquer caso que verificar.

Delegações guineenses regressam da URSS

Teve lugar de 3 a 9 do corrente, na cidade soviética de Iacnkent, um seminário internacional de jornalistas e especialistas do Mass Media, organizado pela comissão da URSS para a Unesco, na qual participou o camarada Francisco Barreto, Director da Radiodifusão Nacional.

No seminário, segundo declarações do camarada Barreto, foram tratadas questões prementes da actualidade, como por

exemplo, o estabelecimento dos sistemas nacionais dos Mass Media e a formação de quadros nos países em vias de desenvolvimento.

Ao regressar a Bissau, na quinta-feira, salientaria, ainda, que o seminário foi um êxito, «tanto pela participação nas discussões, como pela declaração final que incidiu na importância da informação para o verdadeiro desenvolvimento dos países.»

Responde o povo

Quando chove consegues táxis?

Quando saímos à rua para fazer a nossa habitual rubrica «Responde o Povo», chuviscava. Perto de mercado municipal, as mulheres que vinham de fazer as suas compras encontravam-se deveras aflitas porque não conseguiam apanhar um táxi para casa. Todos os que passavam, vinham cheios ou em grande velocidade e nunca paravam.

Pela cara delas, via-se que tinham pressa de ir para casa pôr o almoço ao lume. Por isso, lembramo-nos da questão da falta de táxi, que toda a gente se tem queixado, principalmente no tempo das chuvas e abordámo-las. Embora os novos proprietários tenham posto as suas viaturas ao serviço da população da capital, o problema mantém-se.

NÃO PODEMOS ESQUECER QUE SOMOS MUITOS

Maria de Rosário Ferreira, de 36 anos, doméstica. Quando nos dirigimos a ela, quase que não queria responder. Mas depois, quando percebeu a nossa intenção, começou por nos dizer que já se encontrava na esquina do mercado há mais de uma hora, sem ter conseguido apanhar um único

táxi. «Os condutores não olham para as pessoas. Quando chove, fecham os vidros do carro e, então é pior. Uma pessoa farta-se de chamar, mas nada consegue. Tenho ainda que ir fazer o almoço para o meu marido e filhos mas, estou a ver que tenho que ir a pé, apanhar toda essa chuva mas, não tenho outra alternativa.»

Enquanto falava con-

nosco, foi ficando mais bem disposta. Começou a ver o problema com mais calma e, a certa altura, frisou:

«Não podemos estar também a culpar os motoristas ou a Siló Diata porque não nos podemos esquecer que somos muitos. A maior parte da população de Bissau vive nos bairros e, é ela que necessita mais dos táxis. Mas, sabemos que estamos num país pobre que, não tem dinheiro para comprar mais táxis. Somos cerca de cem mil habitantes e os táxis são à média de cem. Às vezes, temos mesmo que compreender.»

É PRECISO ORGANIZAR MELHOR

Como ela se encontrava numa esquina estratégica, outras pessoas se

juntaram. Pessoas também que vinham a sair do mercado. Então, Rosa de Sousa, empregada comercial que resolveva, depois de tanto esperar, apanhar o autocarro, prontificou-se a responder às nossas questões. Ao iniciar, salientou que, «Todos nós sabemos que há falta de táxis em Bissau. É um problema que vem de há muito tempo. Quanto a mim, acho que, há um problema de organização por parte da Siló Diata e dos privados. É preciso organizar melhor. Os táxis da Siló Diata, quando têm um passageiro, nunca param para levar outros, mesmo quando este vai para a mesma zona. No tempo das chuvas, isso então é pior pois, fazem aquilo que querem e levam quem querem. Eu penso que o Estado deve fazer

os possíveis para adquirir mais táxis ou então aumentar autocarros.»

CONSCIENCIALIZAR OS MOTORISTAS

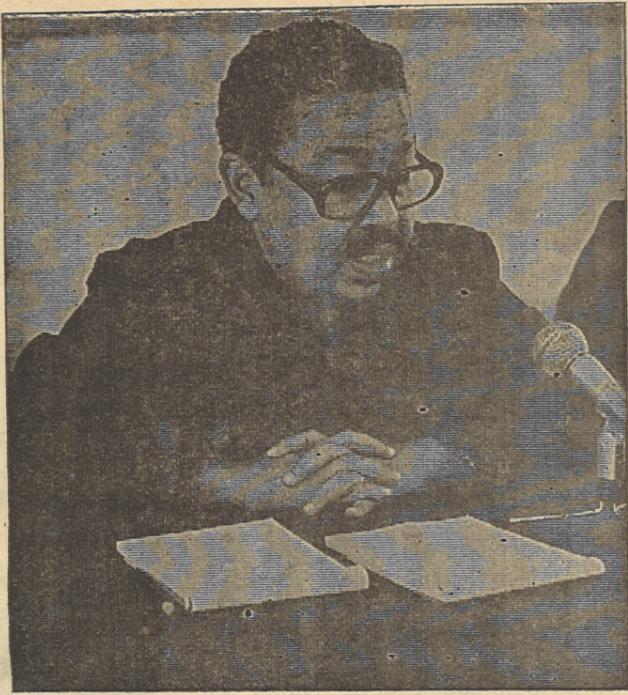
Entretanto, continuámos a nossa volta pela cidade. Parou de chover, os nossos entrevistados já deveriam ter apanhado um táxi ou então optado por ir a pé. Encontrámos José Manuel Cardoso, um jovem estudante de 20 anos, que ao ouvir a nossa pergunta, chamou-nos e disse:

«Estes motoristas dos táxis parecem os donos de Bissau. Eles não têm consciência do trabalho que estão a fazer. Se estão nos táxis é para servir o povo e não quem querem. Acho que a Siló Diata deve fazer uma reunião com eles e explicar-lhes o que quer dizer

de facto um motorista de táxi numa empresa do Estado e num país como o nosso. Eu sinto muito a falta de táxis mas, o que me faz mais raiva é a atitude dos condutores.»

SÓ COM MAIS TAXIS

«Eu não gosto de me meter nestes problemas mas, a questão da falta de táxis já é demais. Uma pessoa passa horas e horas numa esquina ou nas ditas praças de táxis e nada consegue. Mais vale ir a pé porque chega-se ainda mais depressa. Há certas horas do dia que não se vêm mesmo. — precisou Mário Martinho, funcionário de 32 anos. Continuou — «Penso que o problema só se pode resolver com a compra de mais viaturas para táxis.»



O camarada Pedro Pires, Primeiro-Ministro cabo-verdiano e membro da Comissão Permanente do Comité Executivo da Luta do PAIGC, falou recentemente ao jornal «Voz di Povo» sobre uma das questões mais importantes da actualidade: a sistemática transferência para os países do Terceiro Mundo dos aumentos de custo de vida nos países industrializados.

É dessa entrevista que reproduzimos, hoje, o essencial, nomeadamente, os comentários à subida de preços dos combustíveis, a exportação da inflação para o Terceiro Mundo, e as consequências nefastas de tais práticas intencionais na economia de países pobres como Cabo Verde.

«Falar da subida de preços e consequentemente da subida do custo de vida, disse o camarada Pedro Pires, significa falar da crise energética e do aumento de preço do petróleo bruto e seus derivados que, por sua vez, se enquadram na crise económica mundial».

«Há, efectivamente, uma crise económica que, vem já de alguns

anos, teve um período de estabilização e volta a manifestar-se, agora, com mais força, durante o ano de 1979. Os países produtores fizeram uma correcção do preço do petróleo bruto porque consideram, e é um facto, que há uma desvalorização progressiva da moeda de referência: o dólar».

«(...) Uma outra característica dessa crise é

Pedro Pires e a crise energética:

«Prioridade aos transportes colectivos em prejuízo do automóvel individual»

a inflação. As coisas estão cada vez mais caras, o que significa que a repercussão do aumento de custo do petróleo bruto sobre os produtos manufacturados ou industriais é várias vezes maior do que o impacto efectivo do aumento sobre a produção ou sobre o valor dos produtos. Quer dizer que, há um aumento de custo do petróleo mas os produtos manufacturados aumentam muito mais».

DESORDEM ECONÓMICA

«Há uma desordem na economia mundial. Para além da desordem, há a injustiça: os países mais pobres, particularmente os países subdesenvolvidos e não produtores de petróleo, pagam esses aumentos de uma forma muito pesada. Mas, mais do que isso, há no plano internacional, relações desiguais, o que se chama vulgarmente a deterioração dos termos de troca. Há uma situação injusta, de troca desigual e de dependência. Se hoje, um determinado produto de base como, por exemplo, a banana, pode equivaler a determinada quantidade de pregos ou parafusos, amanhã, com a mesma quantidade de bananas, podemos comprar muito menos quantidade desses produtos».

«Esta situação injusta de troca desigual e de dependência ou subordinação, gera uma boa parte dos problemas que enfrentamos actualmente. Daí que se tenha feito um apelo para uma nova ordem económica internacional, para uma ordem mais equitativa e mais justa».

«Cabo Verde, como país pequeno, que importa muito, e ainda subdesenvolvido e não produz petróleo, sofre na sua economia, o impacto dos aumentos do custo dos bens que tem de importar».

«Está claro que, não podemos fugir a esses aumentos pois, estão tendo um reflexo sobre todos os países do mundo e sobre todas as economias, embora, para nós, esses reflexos sejam um pouco mais duros. Mas como combatê-los?»

«Não obstante termos que poupar a energia e que tirar o melhor rendimento do seu uso, é evidente que temos que pensar em muitas outras coisas, nomeadamente, na reorganização da nossa economia».

«Por exemplo, hoje, toda a gente deve começar a pensar nos transportes colectivos, pois não será plausível pensar que o automóvel é o melhor meio de transporte, se o combustível está muito caro.

Face à actual crise, há que reorganizar a vida de outra maneira, há que criar um novo modelo de vida, de comportamento e de objectivos».

«Como medida a curto prazo, para combater os efeitos da crise em Cabo Verde, tentamos, através de discussões com a companhia que faz a distribuição em Cabo Verde, a SHELL, que esse aumento seja o mínimo possível e prosseguimos os contactos com países amigos produtores, a ver com eles como podem ajudar-nos a resolver esse problema e se podemos comprar-lhes os combustíveis a um preço mais acessível e mais barato».

OS AUMENTOS DE SALÁRIOS

«(...) Aumentámos os salários na Função Pública e estamos pensando em aumentar os salários noutros sectores de actividades, quer nas frentes de trabalho que são dirigidas directamente por ministérios como o MDR e o MOP, como nas empresas públicas, visando criar as condições para que, de uma maneira ou de outra, possamos diminuir o impacto da crise sobre nós».

«Não estamos em condições de praticar uma política económica ou salarial que possa de facto, eliminar esses efeitos da

inflação sobre a economia de cada cidadão. Bretude porque, a economia do país é bastante frágil. Mas, devemos continuar a nossa luta por desenvolvimento económico do país porque, do ainda um país dependente, a nossa palavra ordem tem sido a construção de uma economia nacional independente. Só agindo nesse sentido é que vamos libertar, embora parcialmente, os efeitos da desordem existente no mercado internacional».

«(...) Uma outra perspectiva, dentro do programa de acção, de encontrar as fontes de energia que possam substituir as fontes clássicas como o petróleo. E mos, neste momento, discutir com muita te, questões ligadas à energia eólica e outras formas de energia. Neste aspecto, pensamos que que acompanhar o desenvolvimento da investigação nesses sectores e procurar a maneira utilizá-las também para bem da nossa economia. Neste momento, estamos a analisar a questão da à criação de uma tituição que se casse a um certo tipo de investigação e ao acompanhamento da evolução

(Cont. na pág. 2)

Respeito por aqueles que trabalham a terra

Os camponeses são largamente maioritários na nossa terra e tanto por isso como pelo facto de terem representado a maior força na luta de libertação nacional os seus problemas e a sua vida estiveram sempre presentes no pensamento de Cabral.

É disso exemplo claro o texto que hoje transcrevemos do Seminário de Quadros:

Os camponeses são largamente maioritários na nossa terra e tanto por isso como pelo facto de terem representado a maior força a luta de libertação nacional os seus problemas e a sua vida estiveram sempre presentes no pensamento de Cabral.

É disso exemplo claro o texto que hoje transcrevemos do Seminário de Quadros:

«Devemos ao mesmo tempo, tentar como vos disse, desenvolver cada dia mais,

o respeito por aqueles que trabalham, e elevar bem alto o valor do trabalho, convencer os filhos da nossa terra de que o trabalho da terra não deve ser desprezado, pelo contrário, é o trabalho mais puro, mais são, de maior valor na nossa terra, hoje em dia. Infelizmente na nossa cabeça de Africanos, ainda trabalhar, é uma coisa que não vale muito, sobretudo então, lavar a terra só tira

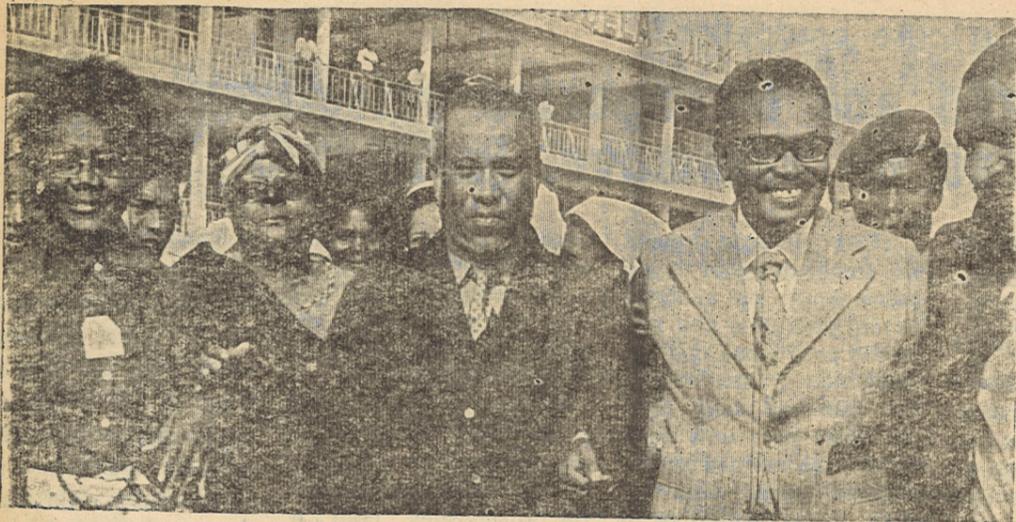
coisa para comer, porque é trabalho de desgraçados. Mas nos temos de ser capazes, no quadro da nossa resistência económica de fazer um trabalho político grande, para convencer o nosso povo, a nossa população, a cada um de nós, cada dia mais de que lavar a terra, cultivar plantas, não é só para comer, mas para podermos ter muitos produtos para exportar, vender, transformar noutros produtos — é o trabalho mais importante, mais digno, mais elevado da nossa terra. seja na Guiné seja em Cabo Verde, camaradas.

«Temos que ser capazes, hoje, mas amanhã sobretudo no qua-

dro da nossa resistência económica, de levar todas as camadas sociais da nossa terra a produzir cada vez mais e levar a cabo cada grupo étnico na Guiné, cada raça, como costumamos dizer, a multiplicar os produtos que produz. Não podemos permitir que uma etnia da nossa terra produza só arroz; tem que produzir arroz, milho, feijão, mancarra, etc., incluindo hortaliças e outras coisas mais, porque é preciso melhorar o nível alimentar do nosso povo.



Cabral ca muri



Durante a visita de Luiz Cabral à República Popular de Angola, foram assinados vários acordos de Cooperação. Assim, as relações solidificavam-se ainda mais entre os dois países irmãos

Juntos travamos batalhas pela reconstrução nacional

As relações que existem entre a República da Guiné-Bissau e a República Popular de Angola, não são simplesmente relações históricas ou de intenção, por causa das nossas opções políticas e ideológicas: concretiza-se em factos fáceis de exemplificar. Durante vários anos, os povos guineense e angolano, combateram juntos contra o colonialismo português que os oprimia; juntos trabalharam para delinear a orientação dos nossos movimentos — o PAIGC e o MPLA, e para procurar encontrar um rumo para o estabelecimento de uma sociedade justa em África e particularmente nos nossos países.

Depois da independência, juntos, os dois povos, partidos e governos, lançaram-se noutras batalhas, batalhas essas que dizem respeito à nossa vida como cidadãos de pátrias independentes e soberanas, como cidadãos dignos de África que se quer completamente livre. «Podemos lançarmo-nos, agora, juntos, nas batalhas de reconstrução nacional dos nossos países, em batalhas para a reunião de todos os povos progressistas da África num bloco que, faça face, de maneira eficaz, ao imperialismo», diria o camarada Presidente Agostinho Neto, aquando da sua primeira visita oficial ao nosso país, em Março de 1976.

Reforçando as palavras de Neto, o camarada Presidente Luiz Cabral afirmaria que não é exagero dizer-se que o nosso povo, melhor do que ninguém, «soube traduzir em entusiasmo e calor, os profundos sentimentos que nos ligam ao valoroso povo irmão de Angola e a confiança que une as nos-

sas direcções políticas, confiança baseada na fidelidade de uns e de outros aos mesmos ideais, confiança que nasceu, que se reforçou e se consolidou no fogo do combate ao mesmo inimigo. Tivemos os mesmos pioneiros, glorificamos os mesmos heróis e vingámos os mesmos mártires.»

A República da Guiné-Bissau demonstraria mais uma vez, a sua solidariedade militante, para com o povo irmão de Angola. Durante a segunda guerra de libertação daquele país, as nossas gloriosas FARP, lutaram lado a lado com o povo angolano pois, «a luta do povo angolano pela sua total libertação é também a nossa luta, a luta de todos os povos africanos.» Nessa altura, Luiz Cabral diria que «os contingentes dos países amigos que estão em Angola para ajudar a defender a sua integridade territorial e a sua independência, continuarão em Angola enquanto o Governo da RPA e o MPLA entenderem.»

As relações solidificavam-se ainda mais, com a visita, em Outubro de 1977, do camarada Luiz Cabral a Angola. Segundo o camarada Presidente, «esta visita foi para ver a vitória do povo angolano, vitória do MPLA, vitória essa que, nos dará novas forças para o combate que estamos a travar na nossa terra para a construção do nosso país.»

Em Junho de 78, a nossa capital seria o palco do histórico encontro entre os presidentes Agostinho Neto, de Angola, e Ramalho Eanes, de Portugal. Esse encontro, só foi possível, só conseguiu obter

resultados positivos, graças à confiança que sempre depositaram na direcção do nosso país. Neto precisou e confessou «a contínua sensação de conforto que sentimos na vossa capital. Aliás, capital comum das esperanças do passado e assim também capital angolana em território guineense.»

Dirigindo-se na ocasião a Agostinho Neto, disse o camarada Luiz Cabral que, o Presidente Neto, mais uma vez, demonstrou a sua fidelidade a um dos princípios do MPLA e em que se alicerçou a nossa antiga CONCP de salvaguarda, da amizade e da solidariedade entre povos envolvidos num conflito armado, aberto a 4 de Fevereiro de 1961, de que apenas eram responsáveis as elites que uns e outros tiranizaram.»

Durante vários encontros entre os presidentes Luiz Cabral e Agostinho Neto, foram sempre reafirmadas a sua determinação de envidar todos os esforços no sentido de reactivar a cooperação, na base dos princípios que criaram a Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas (CONCP). Depois das nossas independências, vários acordos de cooperação bilateral foram assinados entre os dois governos. Saliente-se que, aquando da visita do camarada Luiz Cabral a Angola, foram assinados acordos nos domínios do Comércio, Agricultura e Telecomunicações. Outros viriam a ser assinados a fim de se concretizarem os objectivos traçados no tratado de amizade e cooperação entre Angola e Guiné-Bissau.

Seis anos depois

O terror continua a imperar no

A 11 de Setembro de 1973, era derrubado pela força das armas, o governo democrático e popular do Chile, presidido por Salvador Allende. Apoiados pelo imperialismo, uns quantos oficiais das forças armadas, organizaram um «putch» sangrento, que representou uma dura ingerência de potências estrangeiras nos assuntos internos do Chile, e instaurou uma ditadura fascista naquele país.

No palácio de «La Moneda» Salvador Allende, grande patriota e lutador da paz, defendeu-se de armas nas mãos até ao último momento, antes de ser criminosamente assassinado pelos opressores do povo chileno.

Em termos gerais, são conhecidas as acções repressivas e violadoras dos direitos humanos e toda a actuação anti-popular da junta militar fascista chilena. Os interesses imperialistas conjugam-se com os interesses da burguesia chilena, que só com uma maior dependência externa, vê possibilidades de se manter no poder e de não ser engolida pela maré da história. Está a ser jogada no Chile, uma cartada fundamental. É um projecto que visa não só, restaurar o sistema capitalista existente antes das reformas iniciadas pelo governo da Unidade Popular, como também, pretende inaugurar um novo estilo de desenvolvimento, um novo ordenamento das classes sociais, enfim, um novo sistema de dominação.

Seis anos depois da implantação do terror fascista de Pinochet, os trabalhadores e todo o povo chileno, unidos em torno das suas vanguardas, incrementam a luta contra a tirania militar fascista. O povo chileno continua a dar o exemplo da sua indomável coragem e da sua inesgotável capacidade de luta e de organização. Pinochet repete em vão, e a plenos pulmões, que o seu regime é o que mais êxitos obteve em to-

da a história do p...
verno até que se...
independentemente...
o atingir. «Evidente...
jectivos fascistas...
realidade mostra...
distinto» dos sup...
nochet.

O sangue der...
triotas chilenos, a...
masmorras fascista...
dos trabalhadores...
todo o mundo, as...
tes da paz são soli...
em luta. O Chile,



Esta criança, parte das crianças chilenas. As habitações são inadequadas, a fome e os bairros de lata são seqüências fatais da ditadura fascista

AS O

Segundo os observadores e comentadores de Bandung, duas figuras dominaram o encontro: Nehru e Chou-En-Lai.

Um facto parece certo, o de que o encontro entre os dois estadistas no ano precedente, é um facto singular e que os princípios de Pan Shila por eles acordados para uma coexistência pacífica, influenciam claramente a declaração final de Bandung. Esta compreendia, no total, sete secções:

- A) Cooperação económica
- B) Cooperação cultural
- C) Direitos do Homem e autodeterminação
- D) Problemas dos povos dependentes
- E) Outros problemas
- F) Formação da paz e da cooperação mundiais
- G) Declaração sobre a promoção da paz e da cooperação mundiais.

Por outro lado, dois outros documentos foram considerados oficialmente como documentos da conferência. O primeiro, considerava as discriminações raciais, com menção especial para a África do Sul. O segundo, fazia menção aos perigos da guerra atómica.

Há ainda a salientar, pela sua importância, duas outras intervenções: a do Primeiro-Ministro Indonésio, Ali Sastroamidjojo e a do coronel Nasser. O primeiro, após ter

constatado que o racismo, colonialismo e baixo nível de vida, eram fontes permanentes do conflito, apelou aos delegados a trabalharem em prol do desenvolvimento, ou seja, uma certa forma subtil de considerar o subdesenvolvimento indiscutivelmente ligado ao problema das tensões reinantes no mundo da época.

Em 1954, os pontos neurálgicos mundiais situavam-se claramente na Ásia. Posteriormente, o seu eixo começa a deslocar-se com particular incidência para o norte de África e para independências africanas que se avizinhavam com toda a carga de uma nova política nas relações internacionais, marcadamente anti-colonialistas e anti-imperialistas. A prática israelita, manifestada, na altura da colonial ocupação do território palesti-

no, começa então a r...
recer uma condenação...
Nação Árabe, no seu...
do, aliando na questão...
países com sistemas...
concepções políticas d...
rentes.

Na África francesa, conversações entre P...
e os seus protectora...
de Marrocos e Tuní...
em 1956, leva ao re...
nhecimento do dire...
destes à independênci...
passa Madagáscar p...
uma espécie de semi...
tonomia. Desde então...
rítmico da evolução po...
ca na que se chama...
África negra não cess...
de crescer. De particu...
destaque, a independênci...
do Ghana (1957), c...
dirigente — Kwame...
N'Krumah, se notabiliz...
pelos seus ideais p...
africanos e pelo pap...
que virá a desempenh...
no seio da ideia ain...
incipiente do não-alinh...
mento.

Entretanto, no fim...
Dezembro de 1956, o...
senrola-se em Nova De...
uma conferência de e...
critores asiáticos, que...
cide enviar uma missã...
de boa vontade ao Pres...
dente Nasser que, des...
então, convenciona pa...
sar a chamar-se mov...

Ghana: A vez dos sem-vintém

Os jovens oficiais que tomaram o poder no Ghana a 4 de Julho último, dispostos a revolucionar a moral dos cidadãos a fim de prepará-los para a democracia, têm forjado a sua popularidade na luta sem tréguas à corrupção e à vida cara.

«No food» (não há alimento) titulava em manchete no final de Junho deste ano o «Daily Graphic», um dos jornais diários mais lidos do Ghana. Não demorou muito para que as bichas se alongassem em frente das mais pequenas lojas. Com efeito, se há um fenómeno que aumentou com a subida ao poder dos oficiais subalternos, é o das filas de clientes em frente às lojas.

Em Accra ou Kumasi, Tema ou Tamale, Sunyani ou Cape Coast, o cidadão médio, bruscamente libertado de nove anos de privações, foi literalmente atacado pelo «shopping fever» (febre de consumo). Basta-lhe ver uma fila de três pessoas, para se pôr automaticamente na bicha, convencido de que no fim da espera, as suas magras pesewas (1 cedi é igual a 100 pesewas) lhe permitirão comprar alguma coisa.

«Porque estão na bicha? Um homem que es-

perava calmamente a sua vez respondeu: «Francamente, não sei. Faço como os outros. Veja, irmão, depois de dez anos de vacas magras, tornou-se um reflexo».

Frente a outra loja, ainda fechada, às oito horas da manhã, a fila já era enorme. Correrá boato de que o comerciante tinha grande quantidade de alimento. Às oito e meia, o dono da loja, admirado e cheio de sono, abre a sua loja que, em vez de alimento, tinha guarda chuvas! É verdade que a subida ao poder de equipa de Rawlings é percebida pelo homem da rua como um bom sinal. «Chôve desde 4 de Junho, enquanto que com os «outros», havia uma seca incrível» repete-se incansavelmente.

Para os cartesianos, os sinais de alívio são mais concretos. A 21 de Junho, e só em Accra, retiraram-se de várias casas particulares pertencentes aos dirigentes derrubados

(entre os quais o próprio general Akuffo) 30 toneladas de arroz, leite, açúcar, cimento, sardinha, sabão, escova de dentes etc.

A raridade e a aflicção eram organizadas na cúpula, precisamente por aqueles que estavam indicados para as combater. Apoderavam-se de remessas inteiras de mercadorias que armazenavam para criar a penúria e revendiam-se a preços exorbitantes utilizando intermediários, por vezes as suas esposas.

Carregados em imensos camiões, o produto descoberto foi levado para armazéns (do Estado ou privados) e vendido a preços estreitamente controlados no quadro da luta contra a vida cara e a especulação, desencadeada pelo Conselho Revolucionário das Forças Armadas (CRFA). Esta luta já custou vida a oito oficiais superiores (entre os quais, três ex-chefes de Estado, os generais Akuffo, Acheampong e Afrifa), reconhecidos culpados de «crimes económicos contra o Estado». Desde 24 de Junho, novas leis prevêem um mínimo de três

anos de trabalhos forçados para todo o especulador.

Deflação e uma nova série de leis reconduziram o custo de vida ao alcance dos pobres. Um quilo de açúcar, que antes — quando havia — custava 20 cedis, diminuiu para cinco cedis, e ainda é muito. Agora, com 40 pesewas, pode-se provar uma tigela de «quenkeh» (alimento base feito de milho ou arroz e vendido nos lugares públicos) que, dias antes, custava um a dois cedis. O ghanense médio pode também pensar em vestir melhor. A roupa tradicional «up and down» (um bubu curto e a sua calça) de qualidade média e de algodão, custa oficialmente 80 cedis, enquanto que, durante o antigo regime, custava 140.

Também as rendas de casa baixaram cerca de 60 por cento. Pergunta-se, face à inflação que, no tempo dos generais bateu todos os records, qual foi o segredo da sobrevivência para o cidadão comum? O mercado negro, a restrição e uma prodigiosa capacidade de adap-

tação. As transacções ilícitas faziam-se nomeadamente à volta da moeda nacional. Facto extraordinário, o comerciante ghanense, por mais modesto que fosse, chegou ao ponto de recusar receber cedis que se tornara uma «moeda de macacos»: o seu valor, passou, devido às frequentes desvalorizações, do equivalente a 50 pesos em 1970, para cerca de 20 pesos em 1977 e, hoje, é de cerca de dez pesos, enquanto o custo de vida seguia uma curva ascendente quase vertical. Então, o vendedor ou o hoteleiro, preferia receber em dólares, libras esterlinas, ou em francos (suíço, francês ou CFA).

A diminuição dos preços foi sem dúvida bem acolhida, mas não por toda a gente, ou seja, alguns arreganharam um bocado os dentes. Todos reconhecem a urgente necessidade da luta contra a vida cara, mas ninguém quer perder uma só pesewa. Os pequenos comerciantes aplaudiram prontamente as novas medidas, convencidos de que os

Continua na página 6

GENS DO NÃO-ALINHAMENTO-2

mento de solidariedade afro-asiático, editar uma revista de nome ASIA AFRICA REVIEW e decide convocar em 1957 uma conferência para o Cairo, onde virão a estar presentes 35 países.

Os princípios em torno dos quais a conferência incidia, eram os seguintes:

— Interdição das armas de destruição massiva e paragem das experiências nucleares.

— Condenação de qualquer discriminação racial.

— Resistência ao imperialismo e apoio aos povos que lutam pela sua independência.

— Cooperação económica e técnica e intensificação de intercâmbios culturais entre povos afro-asiáticos.

— Independência imediata para a Argélia.

Ainda neste contexto, a Coreia do Sul, Israel e a União Sul-Africana foram deliberadamente afastados e nenhum país ocidental recebeu convite.

As principais resoluções da conferência, vão

caracterizar-se pela sua distanciação dos pactos militares, condenação geral da corrida aos armamentos, resoluções contra as armas nucleares. A declaração política reafirmava os dez princípios de Bandung e condenava o imperialismo em todas as suas formas e manifestações, proclamado o direito dos povos à autodeterminação e independência com regimes de sua livre escolha, exigia o fim dos regimes de tutela e o fim imediato do colonialismo no Quênia, Camarões, Uganda, Madagáscar e Somália.

A entrada em cena dos Estados africanos, vai concretizar-se em 1959, com a realização da 1.ª Conferência de Accra (15-22 Abril). Esta, havia sido decidida no ano precedente, no decurso de conversações entre os presidentes N'Krumah e Bourguiba. Oito Estados africanos (Líbia, Marrocos, Sudão, Tunísia, RAU, Etiópia, Ghana e Líbia) reunem-se para:

A) para melhor se conhecerem;

B) trocarem ideias sobre assuntos de interesse comum;

C) consolidarem e salvaguardarem a independência das nações africanas;

D) reforçarem os seus laços económicos e culturais;

E) Encontrarem meios de auxiliar aqueles que estão ainda sob a dominação colonial;

F) discutir problemas de paz;

G) exortar as grandes potências ao desarmamento, ou seja, de certa forma, um retomar das proposições de Bandung, acompanhadas já do ideal pan-africano (N'Krumah na sua intervenção final). O Presidente do Ghana sublinhou a necessidade prioritária de extirpar os vestígios do colonialismo no Continente Africano, condição absoluta para uma paz verdadeira e de dar todos os encorajamentos possíveis aos combatentes da liberdade africanos e fazer o juramento de libertar totalmente a África.

A 2.ª Conferência de África (6 a 13 de Dezembro de 1958), reuniu cerca de 50 partidos políticos, sindicatos e movimentos estudantis africanos e tinha por objectivos

principais:

1) colonialismo e imperialismo.

2) O racismo e as leis práticas discriminatórias.

3) O tribalismo e o separatismo religioso.

4) A posição dos chefes tradicionais: sob a dominação colonial; numa sociedade democrática livre.

— Pela formação de uma Frente Unida dos Combatentes da Liberdade. A regra imperialista de dividir para reinar, segundo as linhas do tribalismo, é sempre um perigo nos chamados territórios multiraciais do Este e Centro, onde nós devemos exigir: 1) A terra para os africanos. 2) O sufrágio universal sem distinção de raça, tribo, cor, crença. 3) A aplicação da Declaração Universal dos Direitos do Homem.

— Exame das reivindicações territoriais e dos planos de reagrupamento de base. 1) De ajustamento das fronteiras artificiais existentes. 2) Fusão ou federação de territórios sobre bases regionais. 3) Federação ou confederação de grupos regionais numa co-

munidade pan-africana de estados unidos livres e independentes de África.

Uma longa resolução recomendada aos Estados independentes africanos, a ruptura das relações diplomáticas com os países que praticam a segregação racial e, no caso da África do Sul, a aplicação de um boicote comercial.

Um facto é evidente. Ao carácter eminentemente asiático ou, se quisermos, árabe-asiático que Bandung imprime à vida política mundial destes jovens estados, junta-se um pan-africanismo propugnado por N'Krumah que capta em proveito da África, ainda dependente, o esforço do movimento.

Em Dezembro de 1958, há a Conferência Económica do Cairo, que propõe a criação de uma organização afro-asiática de cooperação económica e a formação de associação de produtores (chá, algodão e borracha, por exemplo) as conferências comecem a suceder-se dando uma ideia da vitalidade afro-asiática, abordando a maior parte delas a questão colonial, de res-

ta, a questão mais importante na altura. De salientar, a realização da Conferência de Tunis, também conhecida por 2.º Congresso Pan-africano dos Povos (25-31 de Janeiro de 1960), a Conferência de Solidaridade Afro-Asiática de Conakry (11-14 de Abril de 1960) que antecede a 11.ª sessão da ONU, aberta a 20 de Setembro de 1960 e na qual fazem a sua aparição, 17 novos Estados, dos quais 16 são africanos.

É nesta conjuntura que, surge a 1.ª Conferência Cimeira dos Chefes de Estado ou Governo em Belgrado, em 1961. Antecedida por uma reunião no Cairo, a conferência de Belgrado é a sequência lógica do espírito de Bandung e debate a questão dos critérios, segundo os quais, um país se guia ou não por uma política de não-alinhamento, ou não o comprometimento (non-alignment, non-commitment). Esta questão ganhou particular realce na medida em que, era preciso decidir a quem enviar convite e foi deba-

(Continua pág. 6)

O boxe sobreviveu e toma parte na Semana Juvenil

O boxe, modalidade desportiva de pouca história na Guiné-Bissau, vai fazer o seu primeiro aparecimento em programa oficial na «Semana Juvenil» (12 a 19 de Setembro), organizada pela

Juventude Africana Amílcar Cabral (JAAC). Cerca de 20 jovens boxistas entrarão em cena no ringue anexo ao Estádio Lino Correia, nas noites dos dias 16 e 18 do corrente mês.

O boxe, começou a nascer para as massas no nosso país, há 10 anos, com a chegada a Bissau vindo de Cabo Verde, do técnico Sancudja. Desde então, esta modalidade adquiriu o carácter amador que ainda hoje tem, organizado numa espécie de escola, com a primeira sede na antiga livraria Ancar, que hoje é o restaurante Berlangas.

A escola mudou depois para Bandim, onde, num quintal ao ar livre, conseguiu a sua maior projecção de sempre, reunindo cerca de 80 alunos que, por falta de espaço, passaram a receber os treinos num anexo do Estádio Lino Correia.

Ao contrário de algumas modalidades como o hóquei em patins e o basquetebol, que desapareceram com o tempo, o boxe conseguiu sobreviver em condições mais difíceis. Nunca houve material para a prática do boxe, no mercado nacional. A sobrevivência, foi graças à

boa vontade e ao amor pela modalidade do técnico Sancudja. Com algumas luvas que ele trouxe de Cabo Verde, iniciou os trabalhos, vindo a conseguir mais tarde algum material. Alguns dos alunos mais assíduos de Sancudja, davam também a sua pequena contribuição em dinheiro para a manutenção e compra de alguns materiais.

Muito teríamos para contar sobre o boxe na Guiné-Bissau, apesar da sua lenta evolução e pouca difusão no seio das massas, facto que na opinião de Sancudja — «foi porque esta modalidade nunca tinha sido valorizada pela administração colonial». O velho boxista «Babá» é, talvez, o único arquivo vivo que nos resta para um historial do boxe guineense anterior a Sancudja.

«Toda a gente, à primeira vista, — disse Sancudja — considera o boxe um desporto muito violento. Mas o boxe só é realmente violento, quando se reveste de carácter profissional, de desporto comercial. E nós, aqui no nosso país, queremos fazer do boxe um desporto salutar e sem maldades».

Futebol moçambicano ganha nova dimensão

A fase preliminar do campeonato nacional de Moçambique, em futebol, terminou recentemente, ficando apuradas as seguintes seis equipas que disputarão, no Maputo, a fase final: série A — Clube Maxaquene de Maputo, Clube Ferroviário da Beira e Recreativo Textáfrica, do Chimioio. Série B — Clube da Costa do Sol, do Maputo, Clube Ferroviário do Maputo e Clube Palmeiras, da Beira.

A fase final realiza-se na segunda quinzena deste mês. O campeonato do próximo ano será disputado em moldes diferentes, de forma a permitir uma maior participação de clubes de todas as províncias.

Actualmente, as províncias do Maputo e Sotata, os centros onde mais se pratica o futebol, possuem metade das equipas em prova na fase inicial do torneio. No plano internacional, assinale-se que esta época foi marcada pela estreia de duas equipas moçambicanas em competições a nível africano. O campeão de 1978 (Desportivo de Maputo) participou na Taça dos Campeões Africanos e foi eliminado pela equipa do Matlama do Lesotho e o vencedor da Taça de Moçambique (Maxaquene de Maputo) também foi afastado, na primeira eliminatória, pela equipa do Sotema de Madagascar.

Segunda época do totobola inicia-se amanhã

A segunda época do totobola nacional inicia-se amanhã, em todo o País. Os boletins para este concurso inicial, foram distribuídos às agências desde terça-feira passada, dia 11.

Entretanto, os apostadores que se julguem com direito aos prémios estipulados por maior número de apostas de Janeiro a Julho do ano em cur-

so, devem, segundo um comunicado dos serviços do totobola, fazer a entrega dos respectivos duplicados até ao fim deste mês, para a atribuição dos prémios correspondentes.

Por outro lado, estão em pagamento, os prémios atrasados dos concursos da 1.ª época até 31 de Outubro, findo o qual, revertem a favor do totobola.

Farmácias

Hoje — «Higiene» — Rua António N'Bana — Telefone 2520

Amanhã — «Farmedi n.º 1» — Rua Guerra Mendes — Telefone 2460

Segunda-feira — «Moderna» — Rua 12 de Setembro — Telefone 2702

Cinema

FILMES A ANUNCIAR

Nô Pintcha

Trisemanário do Comissariado de Informação e Cultura — Sai às terças, quintas e sábados.

Serviço Informativo das Agências: AFP, PAS, TASS ANOP, Prensa Latina, ANP e Nova China.

Redacção, Administração e Oficinas — Avenida do Brasil — Telef.: Redacção 3713/3728 — Administração e Publicidade, 3726.

Assinatura — (Via Aérea) Guiné-Bissau e Cabo Verde:

Um ano 700,00 P.G.

Seis meses 450,00 P.G.

Assinatura (Via Aérea) África, Europa e América:

Seis meses 550,00 P.G.

Um ano 800,00 P.G.

Caixa Postal 154 — BISSAU - GUINÉ-BISSAU

Pedro Pires e a crise energética

(Cont. da pág. 3)

de certos domínios da tecnologia no mundo».

CONSUMIDORES DEVEM ORGANIZAR-SE EM COOPERATIVAS

«Outra coisa que está ligada a todos esses problemas é a discussão e preparação do nosso plano de desenvolvimento. Há todo um trabalho que vem sendo feito desde os primeiros dias da independência, que visa a elaboração desse plano de desenvolvimento».

«Mas há um outro factor que nos preocupa. Internamente, há gente que vai querer aproveitar esta situação para obter mais lucros. Segundo o nosso ponto de vista, é extremamente difícil combater a especulação e o açambarcamento através de medidas administrativas, portanto, através da repressão. A repressão é um dos elementos que pode intervir nessa luta. Toda-

via, há outros, como por exemplo, o aumento da produção que temos estado a esforçar-nos para que se verifique a auto-defesa do consumidor, através da organização das cooperativas. Portanto, segundo o nosso ponto de vista, há que fortalecer o movimento cooperativista. Quero referir-me neste momento às cooperativas de consumo.

As pessoas têm que tomar consciência que devem defender-se, que devem organizar-se para defender os seus interesses. Acho que a via é a formação de cooperativas de consumo. Não podemos ficar numa situação em que as pessoas tenham o preço que quiserem e adquiram lucros ilícitos. É claro que se trata de um trabalho que leva o seu tempo, porque levar as pessoas a organizarem-se não é fácil, pois há toda a questão da rotina, do hábito, dos valores».

As origens do Não-Alinhamento

(Cont. das centrais)

tida por Nasser, Tito, Sukarno e Nehru.

Estiveram presentes, 25 países e o Presidente Tito disse, no seu discurso de abertura, que «a guerra fria assumiu proporções que podem conduzir à maior tragédia a qualquer momento», enquanto Sukarno, mantinha o primado de que a principal fonte de tensão mundial era o imperialismo e o colonialismo.

N'Krumah, apelou aos presidentes Krushchev e Kennedy para se encontrarem e convidou-os a fazerem-no em Accra. De notar que, a conferência aprovou, uma mensagem comum enviada aos presidentes da URSS e EUA, que referia detalhadamente os preceitos caros ao movimento, respeitantes à segurança e paz mundiais e à necessidade de uma política de desanuviamento.

Destacam-se, a condução de uma política independente, o apoio ao movimento de Libertação Nacional e não pertença a um pacto militar.

Embora estes critérios tenham, como é evidente, sofrido certas modificações evolutivas, o que é certo é que, permanecem no essencial, válidos através das posteriores reuniões do movimento e transportam em si o espírito da reunião de Bandung e as suas preocupações fundamentais.

O que identifica, portanto, os primeiros passos do movimento dos não-alinhados, de Bandung a Belgrado, são os grandes temas dedicados na generalidade ao anti-imperialismo (compreendido também numa dimensão de estratégia a adoptar para sair do sub-desenvolvimento), anti-colonialismo, anti-racismo, vontade de independência e igualdade entre

as nações e os povos do mundo, particularmente, entre as novas nações, desejo de paz e apoio aos movimentos de libertação

nacional, com incidência para os asiáticos, numa primeira fase e os africanos numa segunda. (in Tempo).

Ghana

(Cont. das centrais)

primeiros prejudicados seriam os seus grandes fornecedores. Quando nos mercados populosos a tigelinha de «quenkeh» baixou de preço, as «bideiras» deixaram pura e simplesmente de vender.

Foi preciso todo o encanto de Jerry Rawlings para convencer as «market women» (bideiras) de Polo Grounds (lá onde a 6 de Março de 1957 N'Krumah proclamou a independência) da necessidade nacional de abastecer o mercado.

Os que foram levar os seus «privilégios» organizam-se. Alguns homens de negócios deixa-

ram de importar. Mas, para as novas autoridades, o perigo é outro: os países vizinhos inquietos, prepararam o estrangulamento dum regime que, mesmo provisório, pode ser inconstitucional. A Nigéria decidiu suspender o fornecimento de petróleo (90 por cento do abastecimento do Ghana) numa altura em que se fala do fecho da fronteira togolesa.

Enquanto no Ghana, os estudantes, o homem da rua, os sem-vintém e os milhares de desempregados reclamam uma política mais radical e não compreendem que o sangue dos generais e corrompidos tenha parado de cair. («In Jeune Afrique»)

Ghana

A terceira
República

Depois das eleições parlamentares e presidenciais, os ghanenses esperam o dia 1 de Outubro deste ano, data em que será inaugurada a terceira República que parece prometer um futuro de prosperidade para o país.

As depurações efectuadas pelo Conselho Revolucionário das Forças Armadas (CRFA), lançarão uma base sólida para uma programação social-económica mais significativa.

A nova Constituição, que simboliza as esperanças e aspirações da nação, assegurará a infraestrutura necessária à reedificação do país.

Todavia, os sete anos de governo militar, tiveram consequências desastrosas para a economia, que necessita de medidas enérgicas para se recompor apesar dos efeitos dolorosos que podem causar agora.

Seis partidos políticos disputaram as eleições parlamentares e presidenciais. O Partido Nacional Popular (PNP) obteve iniciais apoios, conseguindo 71 lugares em todas as regiões, ultrapassando assim as outras formações. Nas eleições para a presidência da República, o dr. Hilla Liman, candidato do PNP, obteve 35,3 por cento dos votos, seguido por Victor Owuru, que obteve 28 por cento.

O dr. Liman, precisou que, o seu governo insistirá na disciplina, honestidade, trabalho e eficácia a todos os níveis da sua administração, sobretudo nas esferas da economia e dos serviços públicos.

O presidente eleito declarou, que o seu governo trabalharia para a criação de um Estado social que garantirá as necessidades fundamentais da vida. O governo protegerá a independência política e económica do país e aceitará assistência estrangeira sem discriminação, desde que seja no interesse do Ghana.

África Austral: a agressão rodesiana
visava a economia moçambicana

MAPUTO — A estrada que liga as duas sedes dos distritos moçambicanos de Chibuto e Chokwé, no vale do Limpopo, encontra-se actualmente paralizada. Neste local, no interior da província de Gaza, unidades especiais rodesianas dinamitaram a ponte da auto-estrada de cem metros, que atravessa Changane, enquanto os seus cúmplices disparavam sobre tudo que mexia.

Neste dia 5 de Setembro, dez pessoas morreram, quando as viaturas em que viajavam foram incendiadas pelas granadas dos mercenários de Salisbúria.

Jornalistas nacionais e estrangeiros estiveram nos locais para se inteirarem dos estragos que, graças à vontade de defesa da FAPLM, puderam ser limitados, com o apoio das milícias populares e dos grupos de vigilância da população.

Só nos combates à

volta da Aldeia da Barragem, que duraram quatro horas, o regime fantoche de Salisbúria utilizou oito aviões de combate «Mirage» e «Jaguar», e um avião de reconhecimento e quatro helicópteros no intuito de bombardear uma barragem.

Um dos helicópteros foi abatido pelos defensores dessa localidade. No entanto, os racistas mataram 23 pessoas da aldeia e 11 militares.

Foi o mais grave ataque da Rodésia contra objectivos económicos de Moçambique. Os mercenários rodesianos penetraram 350 quilómetros no território moçambicano. Um porta-voz militar declarou que o inimigo quiz, com esta nova agressão, pôr Moçambique de joelhos no plano económico. Além disso, tentou, pelo terror, intimidar a população e, antes de tudo, fazê-la renunciar à sua solidarie-

dade para com o povo do Zimbabué.

BAIXAS RODESIANAS

Contrariamente às outras agressões rodesianas que se realizavam quase impunemente, desta vez, as tropas mercenárias de Salisbúria sofreram pesadas baixas, tendo fugido do território moçambicano perseguidas pelas Forças Populares de Libertação de Moçambique (F.P.L.M.).

Perderam mais de 50 homens e um número indeterminado foi capturado. Entre os prisioneiros, encontram-se, segundo a agência noticiosa moçambicana, cadetes da academia militar de Salisbúria. Por seu lado, a emissora moçambicana informou na sexta-feira passada, véspera da retirada das tropas racistas, que um segundo helicóptero «Bell 205» dos agressores, tinha sido abatido em Mapai.

Anteriormente, um outro aparelho igual, de

fabrico americano, tinha também sido abatido, assim como um avião de combate. Nos dois casos, morreram todos os ocupantes e tripulantes dos aparelhos.

Em Salisbúria, os racistas não conseguiram esconder o desaire sofrido, embora só tenham anunciado a perda de um dos helicópteros. O jornal rodesiano «Herald» escrevia que o número de baixas sofridas pelas tropas racistas iria «criar problemas internos».

Não obstante, os comandos militares racistas nunca divulgaram de uma só vez todas as baixas sofridas pelas suas tropas mercenárias, os correspondentes das agências em Salisbúria, cujos trabalhos são rigorosamente controlados, consideram que este ataque contra Moçambique foi o que provocou mais baixas entre as forças ao serviço do regime racista e ilegal de Smith-Muzorewa.

Crise económica domina
campanha eleitoral na Suécia

Termina amanhã a vigência do actual parlamento sueco (o Riksdag), e realizar-se-ão eleições no país. A campanha eleitoral já se iniciou. Segundo uma sondagem à opinião pública, as votações previsíveis dos três partidos burgueses («Folkpartiet», Partido do Centro e o Partido da Coligação Moderada), por um lado, e dos social-democratas e comunistas, por outro, serão sensivelmente iguais.

Nas anteriores eleições de 1976, o Partido Social-Democrata (SAP), pela primeira vez em 44 anos, arrebatou do poder pelos partidos burgueses que tinham formado uma coligação governamental chefiada por Thorbjorn Fäldein, presidente do Partido do Centro. Todavia, esta aliança revelou-se instável.

O governo Fäldein veio assim a cair em Outubro de 1978, devido a divergências entre os partidos da coligação no tocante à política energética. Seguiu-se um gabinete minoritário conduzido por Ola Ullsten, presidente do «Folkpartiet». Este gabinete dispõe de 39 dos 349 lugares do Riksdag.

A campanha eleitoral centrar-se-á desta vez sobre os problemas que atingem duramente a economia sueca; desemprego, aumento de preços e impostos elevados. Capacidades não aproveitadas

e paragens na mineração, aço, construção naval e nas indústrias de polpa e pasta de papel, que estiveram na base da prosperidade económica sueca, levaram a maiores níveis de desemprego no

país. Metade dos desempregados têm menos de 25 anos.

Os problemas de política externa também ocupam um certo lugar na actual campanha eleitoral.

Provável cimeira árabe
sobre o sul do Líbano

TUNIS — Chedli Klibi, secretário-geral da Liga Árabe, revelou que o governo libanês propôs aos governos árabes a realização de uma cimeira árabe consagrada ao exame da situação no sul do Líbano, onde Israel tenta criar um Estado fantoche.

Klibi deu esta informação no final de um encontro em Tunis com o dr. Zaki Nazboudi, enviado especial do presidente Elias Sarkis, que concluiu uma missão junto dos chefes de Estado e soberanos árabes sobre a situação no sul do Líbano.

O secretário-geral da Liga Árabe indicou que alguns países árabes concordaram com a reunião,

acrescentando que o essencial é reunir uma cimeira «quer seja restrita ou alargada» a fim de estudar esta questão.

O dr. Nazboudi apelou os chefes de Estado e soberanos árabes a actuarem no sentido de encontrarem uma solução para o problema do sul do Líbano e manifestou a esperança de que o mundo árabe reencontrará a sua solidariedade do passado porque, afirmou, «só a solidariedade é capaz de proteger o mundo árabe contra as manobras a que está exposta».

ENCONTRO
ARAFAT-SUAREZ

O problema basco teria sido um dos temas

evocados por Adolfo Suarez, Primeira-Ministro espanhol, e Yasser Arafat, presidente da Organização de Libertação da Palestina, nas conversações que tiveram antecederem a tarde em Madrid. Fontes oficiais espanholas pensam que os comandos autonomistas bascos beneficiaram no passado de diversas ajudas árabes.

Arafat visita a Espanha a convite do governo espanhol, e deve deslocar-se em seguida a Lisboa, onde decorrerá este mês uma conferência de solidariedade com o povo árabe da Palestina e aproveitará a oportunidade para inaugurar a repressão da OLP na capital portuguesa.

ADDIS ABEBA — Mais de quatro milhões de adultos seguem, durante a actual estação das chuvas na Etiópia, aulas para aprenderem a ler e escrever, dos quais 2,5 milhões no campo. Durante esta estação, em que os trabalhos do campo não são prioritários e os alunos passam as suas férias de verão, as salas de aulas ficam vazias, e os professores, estudantes e alunos têm tempo para dar aulas de alfabetização. (ADN)

SEKOU TOURÉ
NO BRASIL

BRASILIA — O presidente Amédéu Sekou Touré, chefe de Estado guineense, visitará amanhã o Brasil, a convite do seu homólogo brasileiro, general João Figueiredo. De regresso da cimeira dos Não-Alinhados de Havana, Sekou Touré visita actualmente vários Estados das Caraíbas. De 12 a 13 do corrente mês, esteve no Haiti, depois de ter visitado a Jamaica. André Touré acompanha o seu marido. (FP)

NOCA CONSTITUIÇÃO
NO VIETNAM

HANOÍ — Os vietnamitas discutem há semanas, nas empresas, cooperativas agrícolas e outras instituições, nas cidades ou no campo, o projecto da nova constituição que deve substituir a lei fundamental ainda em vigor e que data de 1959. (ADN)

MILÍCIAS SANDINISTAS
DO TRABALHO

MÉXICO — O governo da Nicarágua anunciou a criação de «Milícias Sandinistas do Trabalho», informou o jornal mexicano «Uno Mas Uno». Estes grupos de voluntários ajudarão sobretudo nas tarefas da próxima colheita de café, contribuindo assim para a resolução dos problemas económicos do país. (ADN)

MARROCOS EVACUA
MAURITÂNIA

ZOUERATE — O grosso das tropas marroquinas estacionadas na Mauritânia deixou parte deste território na quarta-feira, dirigindo-se para o Sahara Ocidental. Contrariamente ao programa de retirada das tropas marroquinas inicialmente previsto, os cerca de 3.300 soldados marroquinos agrupados em Zouerate, a cidade mineira do norte mauritaniano, não foram juntar-se à guarnição de Bir-Moghrein (na Mauritânia), onde ainda resta uma batalhão marroquino. (FP)

Morte do Presidente Neto: Comunicado do CN de Cabo Verde e do Conselho de Ministros

Por ocasião do trágico desaparecimento do camarada Presidente Agostinho Neto, o Conselho Nacional do PAIGC da República irmã de Cabo Verde, reunido em sessão extraordinária aprovou um comunicado que passamos a transcrever:

«O nosso país foi hoje abalado pela triste notícia do falecimento do camarada Agostinho Neto, Presidente do MPLA — Partido do Trabalho e da República Popular de Angola».

«Líder incontestável da Revolução angolana, o camarada Agostinho Neto foi um revolucionário de estatura universal, um

grande homem de Estado e um lutador incansável pela libertação e independência dos povos. O seu desaparecimento é pois uma perda irreparável para a África, para o Terceiro Mundo e para toda a humanidade progressista, de quem era, indiscutivelmente, um dos maiores líderes e um dos mais corajosos e indefectíveis

defensores».

«O Presidente Agostinho Neto foi um grande amigo do nosso povo. Companheiro de luta desde a primeira hora do nosso imortal líder Amílcar Cabral, considerou sempre a vitória e a felicidade do povo caboverdiano como uma vitória e felicidade do seu próprio povo. Sob a sua esclarecida e militante direcção, foram dados importantes de decisivos passos na consolidação e estreitamento dos históricos laços de amizade,

solidariedade e cooperação que unem o povo angolano, seu Partido e Governo, ao nosso povo, Partido e Governo».

«É pois, com profundo pesar e grande mágoa que, traduzindo os mais íntimos e verdadeiros sentimentos de toda a Nação caboverdiana, o Conselho Nacional de Cabo Verde, reunidos conjuntamente, lamentam o desaparecimento físico desse grande amigo e, em homenagem à sua memória, declaram:

Declarar luto nacional

por um período de quinze dias; suspender todas as manifestações e cerimónias públicas até ao dia do funeral e encerrar todas as salas de espectáculos até ao dia do funeral, inclusive».

Por seu turno o Conselho de Ministro de Cabo Verde enviou uma mensagem de condolências ao Governo da República Popular de Angola onde manifesta os seus sentimentos de «geral consternação e solidariedade do povo caboverdeano».

Luiz Cabral em Luanda

(Cont. da 1.ª pág.)

velório, no Comissariado Municipal da capital da RPA.

Esperavam no aeroporto internacional de 4 de Fevereiro, vários dirigentes do MPLA — Partido do Trabalho e do Governo angolano além dos familiares do falecido Presidente. Depois das honras militares prestadas à urna, iniciou-se um cortejo fúnebre, que percorreu um total de cerca de 12 quilómetros. Até ao Comissariado Municipal de Luanda, onde o corpo do Presidente Neto permanecerá em câmara ardente, o cortejo foi acompanhado por uma imensa e comovida multidão rodeando o veículo militar que transportava a urna.

Nas primeiras horas o corpo foi velado apenas pelos familiares do defunto. Ontem desfilaram os membros do Bureau Político, os membros do Comité Central do Conselho de Revolução e do Governo. Hoje será reservado aos trabalhadores do Partido, delegações estrangeiras, Estado Maior General das FAPLA, corpo diplomático, movimentos de libertação, directores e chefes do departamento do Governo e povo em geral.

No último dia prestaram homenagem ao Presidente do MPLA e da RPA os membros da organização de pioneiros, das mulheres da juventude e dos trabalhadores, da união de escritores angolanos, da organização da defesa popular e, á noite, todo o povo.

Entretanto, o povo angolano respeita com dignidade e firmeza o luto nacional decretado pelo

Bureau Político do MPLA — Partido do Trabalho, em memória do grande combatente africano e mundial.

As manifestações de dor e pesar pela perda irreparável daquele internacionalista convicto surgem por diversas formas, nomeadamente em mensagens e telegramas tanto dos sectores da vida nacional, como de países, organizações e personalidades da vida mundial.

As estruturas apropriadas para as cerimónias fúnebres são disciplinadamente levantadas e os locais de trabalho funcionam normalmente com os trabalhadores a responderem ao apelo à produção lançado pelo Bureau Político do Partido. Nas ruas da capital angolana veem-se bandeiras negras de luto e quadros com a figura de Agostinho Neto.

Encontram-se já em Luanda várias delegações estrangeiras de países amigos e organizações internacionais, nomeadamente o Presidente de S. Tomé, Pinto da Costa, uma delegação da República Popular de Moçambique por Óscar Monteiro, ministro de Estado junto da presidência.

O «jornal de Angola» na sua última edição destaca o comunicado do Ministério de Defesa e publica na primeira página um editorial sob o título «não temos os olhos secos». As páginas centrais são preenchidas pelas inúmeras mensagens de condolências.

Depois de ter sido difundido pela rádio o comunicado que anunciava a morte do Presidente Neto, a reacção da população foi serena não con-

seguindo esconder a enorme emoção que abala neste momento o povo angolano. Os condutores e as pessoas que circula-

vam na altura, perfilaram-se respeitosamente em plena rua para observar um minuto de silêncio em honra do Presidente

e, em muitos bairros da capital os moradores saíram espontaneamente à rua para manifestar a sua profunda dor.

Semana Nacional da Juventude

(Cont. da 1.ª pág.)

«Constituindo a maioria da população da Guiné e Cabo Verde, a força de trabalho principal do sector produtivo da nossa sociedade — acrescentaria João da Costa — a juventude é, sem dúvida, tal como ontem, a garantia da construção de uma vida nova para os nossos povos. Depreende-se daí, portanto, toda a importância e responsabilidade que se encerra na correcta caracterização da J.A.A.C. feita pelo Partido».

Como convidados de honra a estas comemorações, estão presentes em Bissau, delegações da juventude do Mali, da Comsomol (URSS), da

Juventude Livre Alemã, e uma representação da Organização da Libertação da Palestina (OLP).

Terminada a cerimónia de abertura da Semana Juvenil, os membros do Secretariado Nacional da JAAC e demais militantes, encabeçados pelo camarada João da Costa e Otto Schacht, seguiram para Mansoa, na companhia das delegações convidadas, onde se procedeu a inauguração do Centro da Juventude «Agostinho Neto». Recebida pelo Presidente do Comité de Estado, Secretário da Organização do Partido, o responsável da organização da JAAC do sector de Mansoa e pela população local, a comi-

tiva visitou o complexo inaugurado, cujas cerimónias foram marcadas com uma reunião com a população, no salão de festas do centro, seguida de uma recepção.

Durante a reunião, tal como na abertura da Semana, em Bissau, guardou-se um minuto de silêncio em sinal de pesar pela morte do Presidente Neto. Além das intervenções dos camaradas João da Costa e Otto Schacht e dos responsáveis do Sector, usaram de palavra os chefes das delegações do Mali, e da FDJ. Seguiu-se, por fim, a troca de lembranças entre a JAAC de Mansoa e as delegações estrangeiras presentes na cerimónia.

A JAAC promete "combate duro" às organizações paralelas

Falando em Mansoa, o camarada João da Costa disse a dado passo, referindo-se à actividades de grupos concorrentes, que perturbam a organização da JAAC no Sector.

«Há deficiências grandes que são marcadas pelas dificuldades de estruturação da nossa organização juvenil no sector de

Mansoa. Mas essas dificuldades não podem ser motivo de desmobilização. Não pode haver, de maneira nenhuma, engajamento dos jovens noutras estruturas que não pertençam à nossa organização. Aqui, na Guiné-Bissau, a vanguarda da nossa juventude é a JAAC. Não pode existir outra organização paralela à JAAC. Não

podemos admitir isso nunca».

«A JAAC tem que marcar a sua posição em Mansoa, pela sua organização pelo seu trabalho. Ela tem que se organizar para fazer frente a todas as forças que são contrárias à nossa organização. A JAAC é e continuará a ser a vanguarda desta nossa sociedade guiada pelo PAIGC».

Amílcar Cabral e a Unidade em Angola

O camarada Amílcar Cabral, em nome da delegação do P.A.I.G.C. à reunião da CONCP, em Dar-es-Salam, em Outubro de 1965, referiu-se nos termos seguintes ao camarada Agostinho Neto e ao MPLA:

«Uma outra força reside em nós: é a força da nossa unidade. Unidade em Angola. É uma mentira que não haja unidade em Angola. Pessoalmente eu sou testemunha. Eu militei ao lado dos nacionalistas de Angola. No interior de Angola, em Luanda, a Norte, no Sul, no Leste e no Oeste, eu jamais vi gente dividida diante do colonialismo português. E no interior do país, posso testemunhar: jamais conheci outra organização que não fosse o MPLA. Pode haver, talvez, uma divisão dos nacionalistas angolanos, mas isso não existe para o nosso Partido, para nós do CONCP, não existe a não ser no exterior de Angola. É isso que fez a força dos representantes do MPLA no exterior, que fez a força fundamental do nosso irmão, o dr. Agostinho Neto».

«Se o MPLA não estivesse seguro que o povo angolano está unido ao seu redor, como é que a direcção do MPLA poderia ter feito o milagre de realizar todas essas transformações que nós vimos em África, recentemente? Como é que o MPLA poderia levar uma organização como a OUA, ela própria a reconsiderar a sua posição e a dar hoje uma ajuda concreta ao MPLA para a luta de libertação em Angola?»

Zimbabwé

(Cont. da 1.ª página)

eleições, que conduzirão a um governo de verdadeira maioria no Zimbabwé.

A Frente Patriótica exige que as forças militares e policiais passem para o seu controle, o que os colaboracionistas negros agora no poder negam, com excepção da formação de Ndabaninge Shitole, cujo porta-voz declarou anteontem que o seu partido discorda com algumas posições expostas na quarta-feira pelo Primeiro-Ministro fantoche, Abel Muzorewa, chefe da delegação rodésiana.